

## Menção honrosa

Evandro José Issao Tanaka

### O POSTO IPIRANGA

Lidar com o público é uma atividade bastante complicada, ainda mais em um lugar como o aeroporto internacional de Guarulhos, onde a diversidade cultural dos frequentadores é gigantesca.

José aprendeu na marra a lidar com esse tipo de situação. Todos os dias, atendia pessoas das mais diversas nacionalidades, etnias, culturas e idiomas, que traziam sempre problemas, os mais variados possíveis.

De vez em quando José se lembrava do comentário que sua amiga Lú havia feito certa vez quando ainda trabalhavam juntos:

– Zé, esse Juizado parece com aquela propaganda do Posto Ipiranga.

– Que propaganda?

– Aquela que dizia assim: “Moço, como faço pra chegar em tal lugar? Sei não, pergunta lá no Posto Ipiranga”. – Disse ela, rindo da cara de interrogação que José fazia, sem entender nada.

– Nossa Zé, você não assiste televisão, não?

José não assistia. Nunca tinha visto tal comercial, mas achou interessante a comparação. Realmente o Juizado havia se transformado em um ponto de referência para as pessoas do aeroporto.

Lú continuou defendendo seu ponto de vista, quase num desabafo:

– Mas é verdade, Zé! Olha só: o passageiro chega ao aeroporto e pergunta para alguém: “moço, como eu faço a declaração de bens para sair do país?”. O funcionário do aeroporto responde: “Sei não, pergunta lá no Posto Ipiranga”; “moço, como eu faço para renovar meu passaporte?” “Não sei, pergunta no Posto Ipiranga”; “moço, minha filha precisa de uma autorização de viagem”. “É lá no Posto Ipiranga”; “moço, onde eu posso trocar a fralda do meu bebê?” “Vá ao Posto Ipiranga”.

José riu a valer. Nunca tinha visto tal propaganda, mas havia de concordar que realmente o Juizado onde trabalhava havia mesmo se transformado em uma espécie de Posto Ipiranga.

O próprio balcão de informações do aeroporto, algumas vezes orientava os passageiros a esclarecer suas dúvidas no tal Posto Ipiranga.

Naquela tarde de sábado, as orientações do Posto Ipiranga, digo, do Juizado Especial, continuavam as mesmas. Não parava de aparecer gente perguntando: “Moço, onde é o escritório da Turkish Airlines?”; “Moço, onde é o curso da Avisec?”; “Moço, onde é a sala 70?”. O frentista José, sempre solícito, aprendeu a dar todas essas informações. De tanto ser questionado, já conhecia de cor os lugares do aeroporto.

Naquele dia, José conversava descontraidamente com seu companheiro de trabalho no balcão de atendimento, quando percebeu que seu amigo estava olhando fixamente algo no saguão.

– O que foi?

– Zé, olha essas duas figuras que estão chegando aí.

José olhou sem dar muita importância ao fato, afinal de contas, já estava acostumado com a excentricidade das roupas que os passageiros vestiam.

– Acho que são muçulmanos – disse José, sem tirar os olhos daqueles turbantes e túnicas brancas. Nesse momento, os dois homens barbudos se aproximaram do balcão.

O mais velho, com uma enorme barba branca, parecia ser o primo de Osama Bin Laden e aparentava estar bastante nervoso. Gesticulava sem parar e falava alto:

– المسكوني غرفة اين –

José olhou para Carlos:

– O que foi que ele disse, Carlos?

– Sei lá. O poliglota aqui não é você?

Não era. José não tinha a mínima ideia do que o árabe estava falando.

O pobre Carlos, com muito boa vontade, arriscou ainda um contato mais imediato com os alienígenas: – “Hablas espanhol?”. Nada. “Speak English?”. Nenhuma resposta.

Então os gestos se intensificaram. Os dois homens barbudos começaram a falar rapidamente, agitando os vestidos brancos e os lenços enrolados na cabeça:

– للصلاة بحاجة ولست. المسكوني غرفة هي أين أعرف أن أريد.

Carlos olhou para José um pouco apreensivo.

– Mano –, disse Carlos.

– Não é mano, é muçulmano – retrucou José.

– Eu sei disso. O que eu quero dizer é que eles estão muito nervosos.

Você não está entendendo mesmo o que eles dizem?

– Não.

– Estou achando que eles vão explodir alguma coisa!

Carlos delirava. Mas naquela altura do campeonato, a possibilidade de explodir uma bomba deixava José um pouco apreensivo. Virou-se para Carlos preocupado e percebeu que ele não tirava os olhos da cintura dos dois homens. Provavelmente estava procurando onde estariam escondidas as dinamites.

O primo do Bin Laden apontava as mãos freneticamente para frente e para o céu, falando algo incompreensível.

Carlos exclamou: “Nossa, mano!”

– É muçulmano.

– Para de brincadeira, Zé. Estou falando sério. Ouvi o Barba dizer “Alá”. Com certeza já deve estar se preparando para apertar o detonador e rumar para o paraíso.

Subitamente, os dois manos, quer dizer, os muçulmanos olharam para seus relógios, jogaram uma espécie de tapete no chão, viraram-se para determinada direção que José imaginou ser Meca e ajoelharam-se para rezar.

“Então era isso!”, pensou José, “Eles queriam apenas rezar”.

Pronunciavam suas orações ajoelhados, abaixando de vez em quando suas cabeças até o chão, em respeitoso ritual.

José respirou aliviado. Claro que não eram terroristas. Olhou para o lado e percebeu que Carlos ainda estava um pouco apreensivo com o comportamento dos dois barbudos.

– Carlos, você ainda está preocupado? – perguntou José disfarçando o riso.

– Estou.

– Relaxa amigo, não vai ser dessa vez que viajaremos para o paraíso. – disse José, às gargalhadas, dando um tapinha no ombro de Carlos.

Os árabes já tinham terminado suas preces. Levantaram-se, arrumaram suas coisas e se retiraram, sem antes dizer novamente algo incompreensível.

José imaginou ser algum tipo de agradecimento, mas até hoje não sabe direito o que eles queriam.

Após se recuperar do susto, Carlos disse que provavelmente eles estariam procurando pelo salão ecumênico, para rezar. Pode até ser, mas José ainda pensava que alguém os havia direcionado até o Posto Ipiranga.